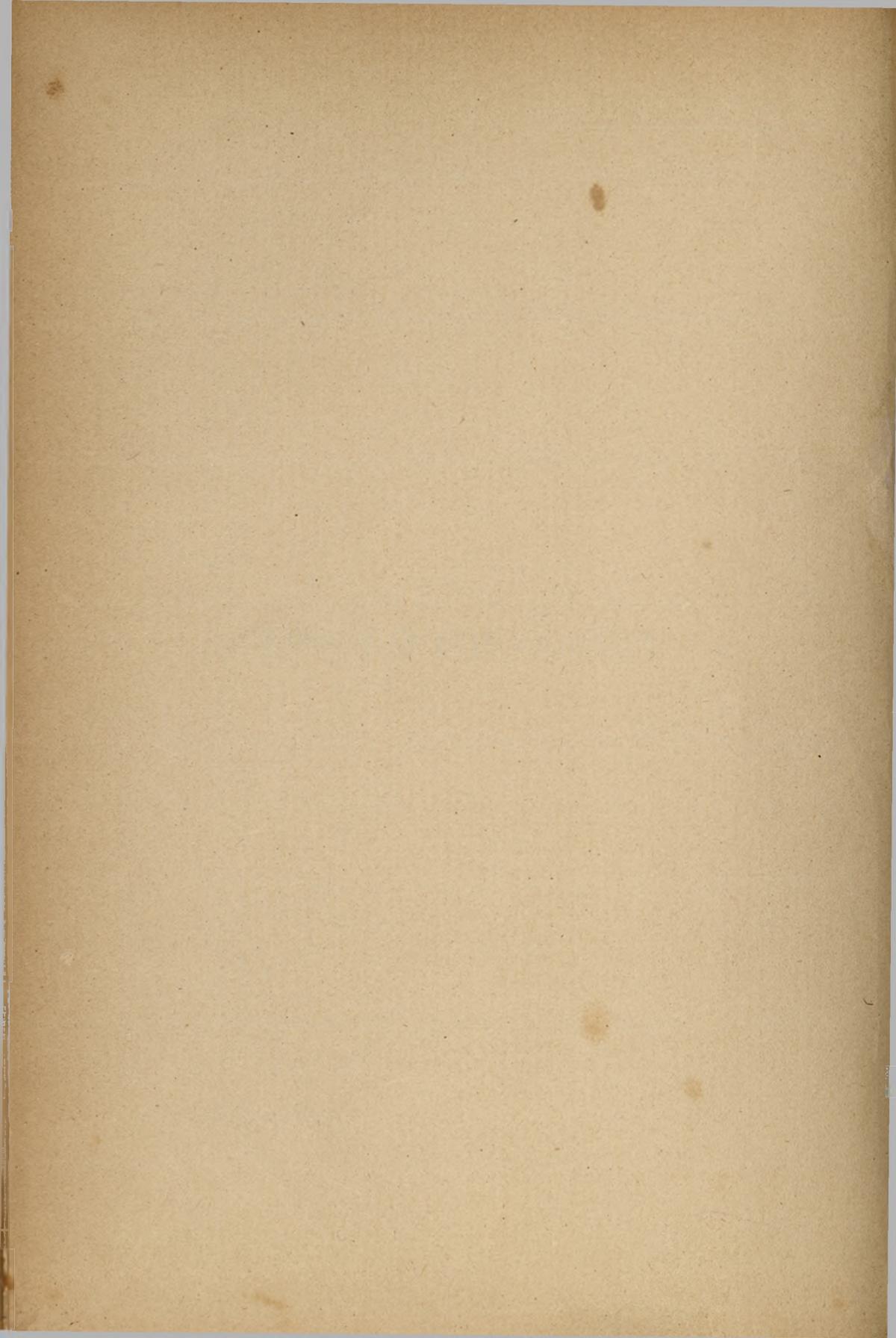


MARIO DE SÁ-CARNEIRO

POEMAS SEM SUPORTE

a Santa Rita Pintor.



ELEGIA

Minha presença de setim,
Toda bordada a côr de rosa,
Que fôste sempre um adeus em mim
Por uma tarde silenciosa...

Ó dedos longos que toquei,
Mas se os toquei, desapareceram...
O minhas bôcas que esperei,
E nunca mais se me estenderam...

Meus Boulevards d'Europa e beijos
Onde fui só um espectador...
— Que sôno lasso, o meu amor;
— Que poeira d'ouro, os meus desejos...

Ha mãos pendidas de amuradas
No meu anseio a divagar...
Em mim findou todo o luar
Da lua dum conto de fadas...

Eu fui alguém que se enganou
E achou mais belo ter errado...
Mantenho o trôno mascarado
Aonde me sagrei Pierrot.

Minhas tristezas de cristal,
Meus débeis arrependimentos
São hoje os velhos paramentos
Duma pesada Cathedral.

Pobres enleios de carmim
Que reservara pra algum dia...
A sombra loira, fugidia,
Jámais se abeirará de mim...

— Ó minhas cartas nunca escritas,
E os meus retratos que rasguei...
As orações que não rezei...
Madeixas falsas, flôres e fitas...

O «petit-bleu» que não chegou...
As horas vagas do jardim...
O anel de beijos e marfim
Que os seus dedos nunca anelou...

Convalescença afectuosa
Num hospital branco de paz...
A dôr magoada e duvidosa
Dum outro tempo mais lilaz...

Um braço que nos acalenta...
Livros de côr á cabeceira...
Minha ternura friorenta —
Ter amas pela vida inteira...

Ó grande Hotel universal
Dos meus frenéticos enganos,
Com aquecimento-central,
Escrocs, cocottes, tziganos...

Ó meus Cafés de grande vida
Com dançarinas multicolôres...
— Ai, não são mais as minhas dôres
Que a sua dança interrompida...

Lisboa — março de 1915.

MANUCURE

Na sensação de estar polindo as minhas unhas,
Subita sensação inexplicavel de ternura,
Todo me incluo em Mim — piedosamente.
Emtanto eis-me sózinho no Café:
De manhã, como sempre, em bocejos amarelos.
De volta, as mesas apenas — ingratas
E duras, esquinadas na sua desgraçiosidade
Boçal, quadrangular e livre-pensadora...
Fóra: dia de Maio em luz

E sol — dia brutal, provinciano e democrático
 Que os meus olhos delicados, refinados, esguios e citadinos
 Não podem tolerar — e apenas forçados
 Suportam em nauseas. Toda a minha sensibilidade
 Se ofende com este dia que ha de ter cantores
 Entre os amigos com quem ando ás vezes —
 Trigueiros, naturais, de bigodes fartos —
 Que escrevem, mas têm partido politico
 E assistem a congressos republicanos,
 Vão ás mulheres, gostam de vinho tinto,
 De peros ou de sardinhas fritas...

E eu sempre na sensação de polir as minhas unhas
 E de as pintar com um verniz parisiense,
 Vou-me mais e mais enternecendo
 Até chorar por Mim...
 Mil côres no Ar, mil vibrações latejantes,
 Brumosos planos desviados
 Abatendo flexas, listas volúveis, discos flexiveis,
 Chegam tenuemente a perfilar-me
 Toda a ternura que eu pudera ter vivido,
 Toda a grandeza que eu pudera ter sentido,
 Todos os scenarios que entretanto Fui...
 Eis como, pouco a pouco, se me fôca
 A obsessão débil dum sorriso
 Que espelhos vagos reflectiram...
 Leve inflexão a sinusar...
 Fino arrepio cristalizado...
 Inatingivel deslocamento...
 Veloz faúlha atmosférica...



E tudo, tudo assim me é conduzido no espaço
 Por inumeras intersecções de planos
 Multiplos, livres, resvalantes.

É lá, no grande Espelho de fantasmas
 Que ondula e se entregolfa todo o meu passado,
 Se desmorona o meu presente,
 E o meu futuro é já poeira...

Deponho então as minhas limas,
 As minhas tesouras, os meus godets de verniz,
 Os polidores da minha sensação —
 E solto meus olhos a enlouquecerem de Ar!
 Oh! poder exaurir tudo quanto nêle se incrusta,
 Varar a sua Beleza — sem suporte, emfim! —
 Cantar o que êle revolve, e amolda, impregna,
 Alastra e expande em vibrações:
 Subtilizado, sucessivo — perpétuo ao Infinito!...

Que calótes suspensas entre ogivas de ruínas,
 Que triangulos sólidos pelas naves partidos!
 Que hélices atrás dum vôo vertical!
 Que esferas graciosas sucedendo a uma bola de ténis! —
 Que loiras oscilações se ri a bôca da jogadora...
 Que grinaldas vermelhas, que léques, se a dançarina russa,
 Meia-nua, agita as mãos pintadas da Salomé
 Num grande palco a Ouro!
 — Que rendas outros bailados!

Ah! mas que inflexões de precipicio, estridentes, cegantes,
 Que vertices brutais a divergir, a ranger,
 Se facas de apache se entrecruzam
 Altas madrugadas frias...

E pelas estações e cais de embarque,
 Os grandes caixotes acumulados,
 As malas, os fardos — pêle-mêle...
 Tudo inserto em Ar,
 Afeiçãoado por êle, separado por êle
 Em multiplos interstícios
 Por onde eu sinto a minh'Alma a divagar!...

— Ó beleza futurista das mercadorias!

— Sarapilheira dos fardos,
 Como eu quisera togar-me de Ti!
 — Madeira dos caixotes,
 Como eu anseara cravar os dentes em Ti!
 E os pregos, as cordas, os aros... —
 Mas, acima de tudo, como bailam faiscantes
 A meus olhos audazes de beleza,
 As inscrições de todos esses fardos —
 Negras, vermelhas, azuis ou verdes —
 Gritos de actual e Comercio & Industria
 Em transito cosmopolita:

FRAGIL! FRAGIL!

843 — AG LISBON

492 — WR MADRID

Ávido, em sucessão da nova Beleza atmosférica,
 O meu olhar coleia sempre em frenesis de absorvê-la
 A' minha volta. E a que mágicas, em verdade, tudo baldeado
 Pelo grande fluido insidioso,
 Se volve, de grotesco — célere,
 Imponderável, esbelto, leviano...
 — Olha as mesas... Eia! Eia!
 Lá vão todas no Ar ás cabriolas,
 Em séries instantaneas de quadrados
 Ali — mas já, mais longe, em lozangos desviados...
 E entregolfam-se as filas indestrinçavelmente,
 E misturam-se ás mesas as insinuações berrantes
 Das bancadas de veludo vermelho
 Que, ladeando-o, correm todo o Café...
 E, mais alto, em planos obliquos,
 Simbolismos aereos de heraldicas ténues
 Deslumbram os xadrezes dos fundos de palhinha
 Das cadeiras que, estremunhadas em seu sono horizontal,
 Vá lá, se erguem também na sarabanda...

Meus olhos ungidos de Novo,
 Sim! — meus olhos futuristas, meus olhos cubistas, meus olhos inter-
 sectionistas,

Não param de fremir, de sorver e faiscar
 Toda a beleza espectral, transferida, sucedânea,
 Toda essa Beleza-sem-Suporte,
 Desconjuntada, emersa, variavel sempre
 E livre — em mutações continuas,
 Em insondáveis divergencias...

— Quanto á minha chávena banal de porcelana?

Ah, essa esgota-se em curvas gregas de anfora,
 Ascende num vértice de espiras
 Que o seu rebordo frisado a ouro emite...

É no ar que ondeia tudo! É lá que tudo existe!...

... Dos longos vidros polidos que deitam sôbre a rua,
 Agora, chegam teorias de vértices hialinos
 A latejar cristalizações nevoadas e difusas.
 Como um raio de sol atravessa a vitrine maior,
 Bailam no espaço a tingi-lo em fantasias,
 Laços, grifos, setas, azes — na poeira multicolor —.

APOTEÓSE.

.....

Junto de mim ressoa um timbre :
 Laivos sonoros !
 Era o que faltava na paisagem...
 As ondas acusticas ainda mais a subtilisam :
 Lá vão ! Lá vão ! Lá correm ágeis,
 Lá se esgueiram gentis, franzinas cõrsas d'Alma...

Pede uma voz um numero ao telefone :
 Norte — 2, 0, 5, 7...
 E no Ar eis que se cravam moldes de algarismos :

ASSUNÇÃO DA BELEZA NUMÉRICA !

1.3.4.5.6 7 7 7 8 8 4 1 4 5 9 6 1 1 1 1 5 5 0 0 ∞ ∞ ∞

2 0 1 3 1 1 1 1 5 5 ∞ ∞

Mais longe um criado deixa cair uma bandeja...
 Não tem fim a maravilha !
 Um novo turbilhão de ondas prateadas
 Se alarga em écos circulares, rútilos, farfalhantes
 Como água fria a salpicar e a refrescar o ambiente...

— Meus olhos extenuaram de Beleza !

Inefavel devaneio penumbroso —
 Descem-me as palpebras vislumbradamente...

.....

... Começam-me a lembrar aneis de jade
 De certas mãos que um dia possuí —
 E ei-los, de sortilégio, já enroscando o Ar...
 Lembram-me beijos — e sobem
 Marchetações a carmim...

Divergem hélices lantejoulares...
 Abrem-se cristas, fendem-se gumes...
 Pequenos timbres d'ouro se enclavinham...
 Alçam-se espiras, travam-se cruzetas...
 Quebram-se estrelas, sossobram plumas...

Dorido, para roubar meus olhos á riqueza,
 Fincadamente os cerro...

Embalde! Não ha defesa :
Zurzem-se planos a meus ouvidos, em catadupas,
Durante a escuridão —
Planos, intervalos, quebras, saltos, declives...

— O' mágica teatral da atmosfera,
— O' mágica contemporanea — pois só nós,
Os de Hoje, te dobrámos e fremimos!

.....

Eia! Eia!
Singra o tropel das vibrações
Como nunca a exgotar-se em ritmos iriados!
Eu proprio sinto-me ir transmitido pelo ar, aos novelos!
Eia! Eia! Eia!...

(Como tudo é diferente
Irrealizado a gás :
De livres pensadoras, as mesas fluidicas,
Diluidas,
São já como eu catolicas, e são como eu monarquicas !...)

.....

Sereno.
Em minha face assenta-se um estrangeiro
Que desdobra o «Matin».
Meus olhos, já tranquilos de espaço,
Ei los que, ao entrever de longe os caracteres,
Começam a vibrar
Toda a nova sensibilidade tipografica.

Eh-lá! grosso normando das manchettes em sensação!
Itálico afilado das crónicas diarias!
Corpo-12 romano, instalado, burguez e confortavel!
Góticos, cursivos, rondas, inglesas, capitais!
Tipo miudinho dos pequenos anuncios!
Meu elzevir de curvas pederastas!...
E os ornamentos tipograficos, as vinhetas,
As grossas tarjas negras,
Os «puzzle» frivolos da pontuação,

Os asteriscos — e as aspas... os acentos...
Eh-lá! Eh-lá! Eh-lá!...

T S A b c ; Æ (q̄) ! Z e ~ A w Δ ũ Ω
o . x q̄ ē < * ... & ; * ē Θ - > ũ " — á §
P ~ W s β ~ ^ " " O ≈ ? õ x Φ F i & Π

— Abecedarios antigos e modernos,
Gregos, góticos,
Slavos, arabes, latinos — ,
Eia-hô! Eia-hô! Eia-hô!...

(Hip! Hip-lá! nova simpatia onomotopaica,
Rescendente da beleza alfabetica pura:
Uu-um... kess-kresss... vliiim... tlin... blong... flong... flak...
Pâ-am-pam! Pam... pam... pum... pum... Hurrah!)

Mas o estrangeiro vira a página,
Lê os telegramas da Ultima-Hora,
Tão leve como a folha do jornal,
Num rodopio de letras,
Todo o mundo repousa em suas mãos!

— Hurrah! por vós, industria tipografica!
— Hurrah! por vós, empresas jornalisticas!

MARINONI LINOTYPE

Ö SECULÖ BERLINER TAGEBLATT

LE JOURNAL LA PRENSA

CORRIERE DELLA SERA THE TIMES

NOVOÏÉ VREMIÁ

Por ultimo desdobra-se a folha dos anuncios...

— O' emotividade zebrante do Reclamo,
O' estética futurista — *up-to-date* das marcas comerciais,
Das firmas e das taboletas!...

LE BOUILLON KUB



VIN DÉSILES

PASTILLES
VALDA

BELLE JARDINIÈRE

FONSECAS,
SANTOS & VIANNA

HUNTLEY & PALMERS

“RODDY”

Joseph Paquin, Bertholle & Cie

LES PARFUMS DE COTY

SOCIÉTÉ GÉNÉRALE

CRÉDIT LYONNAIS

BOOTH LINE

NORDDEUTSCHER LLOYD

COMPAGNIE INTERNATIONALE DES WAGONS LITS

ET DES GRANDS EXPRESS EUROPÉENS

E a esbelta singeleza das firmas, LIMITADA.

.....
.....

Tudo isto, porém, tudo isto, de novo eu refiro ao Ar
Pois toda esta Beleza ondeia lá também:

Numeros e letras, firmas e cartazes —
 Altos-relêvos, ornamentação!... —
 Palavras em liberdade, sons sem-fio,

MARINETTI + PICASSO = PARIS < SANTA RITA PIN-
 TOR + FERNANDO PESSOA
 ALVARO DE CAMPOS

!!!!

Antes de me erguer lembra-me ainda,
 A maravilha parisiense dos balcões de zinco,
 Nos bares... não sei porquê...

— *Un vermouth cassis... Un Pernod à l'eau...*
Un amer-citron... une grenadine...

.....

Levanto-me...

— Derrota!

Ao fundo, em maior excesso, ha espelhos que reflectem

Tudo quanto oscila pelo Ar:

Mais belo através déles,

A mais subtil destaque...

— O' sonho desprendido, ó luar errado,

Nunca em meus versos poderei cantar,

Como anseara, até ao espasmo e ao Oiro,

Toda essa Beleza inatingivel ,

Essa Beleza pura!

Rólo de mim por uma escada abaixo...

Minhas mãos aperreio,

Esqueço-me de todo da ideia de que as pintava...

E os dentes a ranger, os olhos desviados,

Sem chapéu, como um possesso:

Decido-me!

Corro então para a rua aos pinotes e aos gritos :

— Hilá ! Hilá ! Hilá-hô ! Eh ! Eh !...

Tum... tum... tum... tum tum tum tum...

YLIHIMIIHIM . . .

BRÁ-ÔH . . . BRÁ-ÔH . . . BRÁ-ÔH ! . . .

FUTSCH ! FUTSCH ! . . .

ZING-TANG . . . ZING-TANG . . .

TANG . . . TANG . . . TANG . . .

PRÁ Á K K ! . . .

Lisboa — Maio de 1915.

MARIO DE SÁ-CARNEIRO.

